

Seminário debate o engajamento das empresas na modernização das escolas

Educação

Especialista americano diz que empresários devem apoiar as mudanças

GLOBO

Sandra Boccia

• SÃO PAULO. A ruptura dos modelos tradicionais de educação, o engajamento das empresas na modernização das escolas e exemplos de iniciativas governamentais para melhoria do ensino no País foram os principais temas debatidos ontem no Seminário Brasil-500 — "Como se muda um país através da educação", promovido pela Rede Globo no Parlamento Latino-Americano, em São Paulo.

Abrindo o segundo e último dia de debates, o especialista americano Jeffrey Puryear captou a atenção do público, formado por mais de mil pessoas, ao ressaltar que a educação nos países latino-americanos está entre as piores do mundo e, por conta desse "descaso dos governos", os empresários devem se tornar a força mais importante para empreender as mudanças, visando a manter a competitividade internacional de seus produtos. Embora concentre 8% da população mundial, destacou, a América Latina investe menos de meio por cento em pesquisa científica e produz

apenas 1,5% dos artigos científicos publicados em todo o mundo:

— Os governos não priorizam a educação. Além disso, os professores têm baixa qualificação e a pedagogia privilegia a memorização de textos, sem incitar os alunos a pensar. Mas as empresas sabem como mudar essa situação. Elas sabem o que é qualidade total e podem dar ajuda às escolas e cobrar providências do Governo — disse ele, acrescentando que os empresários brasileiros poderiam se espelhar numa experiência da Califórnia, nos Estados Unidos, onde um grupo de 87 empresas uniu esforços para ajudar as escolas da região.

O especialista também criticou a prioridade de investimentos governamentais no Terceiro Grau, mas suas idéias foram rebatidas pelo presidente do Conselho Brasileiro de Análise e Planejamento, José Arthur Gianotti. Ex-membro do Conselho Federal de Educação, Gianotti lembrou que o Governo deveria prestar mais atenção às universidades e aos centros de pesquisa do País. Apesar de não abrigarem o maior contin-

gente de alunos, segundo ele, essas instituições representam um papel vital e não deveriam estar sofrendo um "processo de sucateamento", com greves de professores, baixos salários e cortes de verbas para pesquisa.

— Falta um projeto para a universidade brasileira, que está com prestígio baixo e numa queda de braço com o Governo. E sem a universidade pública não teremos um país que pense a si mesmo — sublinhou ele.

Em resposta às críticas de Gianotti, a presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP) do MEC, Maria Helena Guimarães Castro, afirmou que a universidade vive um ambiente corporativo em que ninguém quer abrir mão de nada para negociar com o Governo, e ressaltou que a prioridade deve ser fixada na educação secundária, para atender aos jovens.

No encerramento, a superintendente-executiva da Rede Globo, Marluce Dias Silva, fez um balanço positivo dos debates, salientando que nos dois dias de seminário foram recebidas mais de 50 mil sugestões do público. ■